

# DF - Educação Todo mundo quer vaga no Plano

*Escolas da rede pública são disputadas por estudantes do DF e de fora, mas muita gente não consegue matrícula*

Freddy Charlson  
Da equipe do **Correio**

**M**aria quer ser bem-sucedida no Programa de Avaliação Seriada (PAS), da Universidade de Brasília (UnB). Ah, ela também teme a violência e o que chama de “pés-simas condições de ensino” de Águas Lindas, onde mora. Não são poucos os motivos que a fazem querer estudar no Plano Piloto. Escolas seguras, professores capacitados, proximidade com o local de trabalho (sim, esforçada, a menina quer arranjar um emprego). Assim, começa o ano 2000 com a vaga garantida na 1ª série do Elefante Branco (907 Sul), escola onde 80% dos estudantes que conseguiram vaga pelo tele-matriculação não são do Plano Piloto (a maioria é da Cidade Ocidental, onde, acreditem, só há um colégio público de 2º grau).

Mas o colégio de Maria Onete da Silva, 16 anos, não é o único preferido pelos estudantes de outras cidades. Há ainda o Setor Leste, Setor Oeste, Colégio da Asa Norte, Gisno, entre outros. Todos querem estudar no Plano Piloto. Pelos motivos de Maria, trazida pelo pai, o pintor Joaquim Miranda da Silva, 39. “O ensino é superior ao de Águas Lindas. Meus outros três filhos só não estudam aqui porque são pequenos. Mas vou trazê-los para cá. A prioridade lá em casa é dar boa educação.”

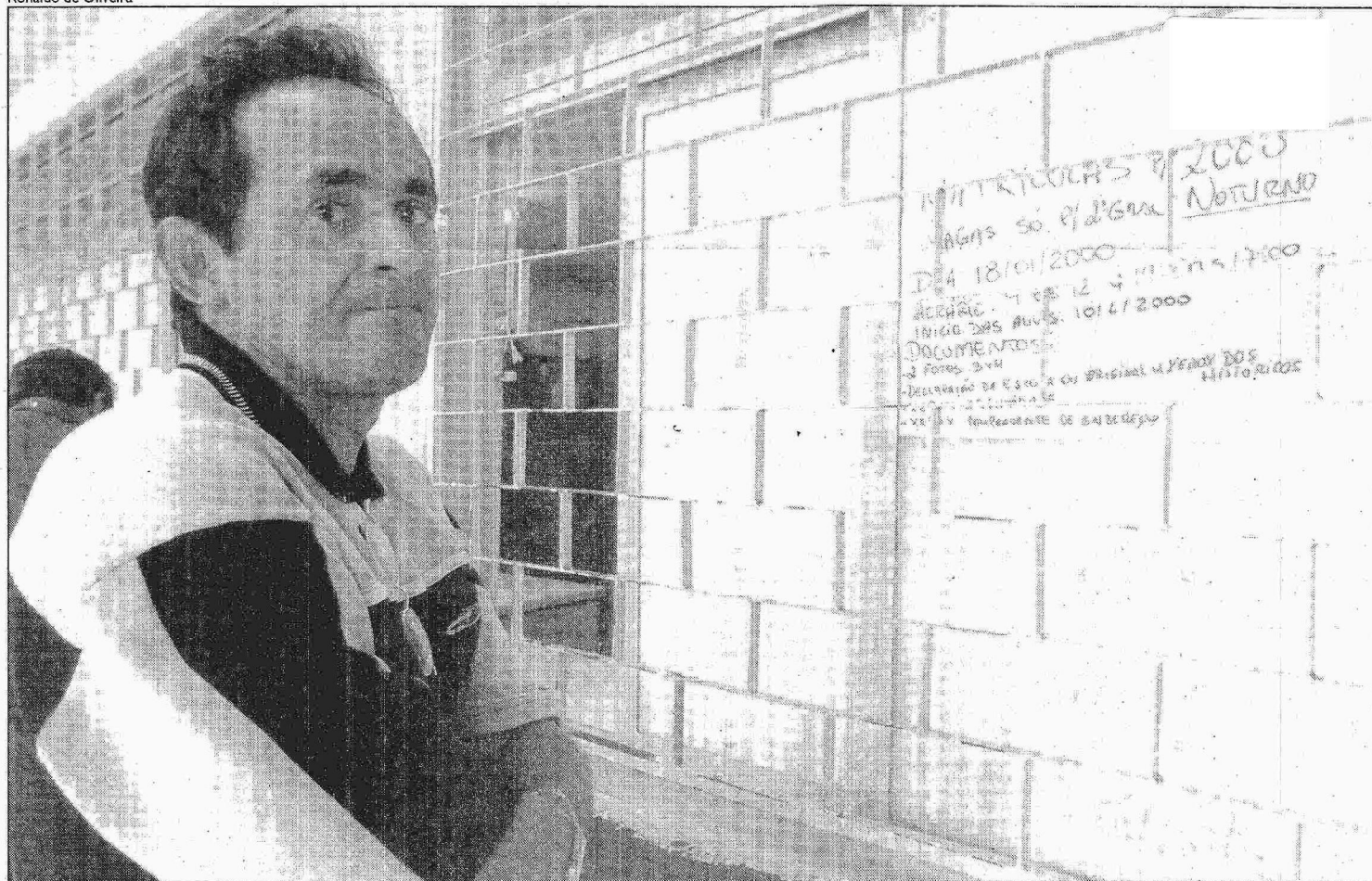
E Maria deu sorte. A concorrência para conseguir uma vaga em um curso de nível médio no Plano Piloto é grande. Há os alunos que já estudam na escola, ou os que foram remanejados de escolas que não têm o 2º grau — caso de Maria Onete da Silva, que saiu da Escola Classe 103 Sul —, de outras cidades e até da rede particular de ensino. E nem todos têm a vaga assegurada e conseguem passar pelo funil.

## SÓ DIA 18

“É difícil arranjar espaço para todos os alunos no ensino médio, mas não faltam vagas”, explica Dora Viana Manata, diretora do Departamento de Planejamento da Secretaria de Educação. Dora promete atender aos alunos no ensino fundamental (1ª a 8ª série) — obrigação prevista no artigo 208 da Constituição Federal e no artigo 4 da Lei de Diretrizes e Bases. Quanto à educação infantil (de zero a seis anos), que não é obrigatória, ela promete atender às 9.200 crianças de 5 anos e seis meses a 6 anos que pediram vaga. “Quanto às crianças de até cinco anos, fizemos sorteio. Os contemplados foram matriculados.”

Dessa forma, a Secretaria de Educação, que centralizou os dados sobre as matrículas, pretende atender aos 565 mil alunos da rede pública, independentemente da série. “Quem terminou a 8ª série conosco tem va-

Ronaldo de Oliveira



*Severiano Neto quer transferência para a mulher, que estuda em Sobradinho mas tem preferência pelo Colégio Setor Leste, na Asa Sul*

ga garantida. Quanto ao ensino médio, há um problema.” Dora Manata refere-se ao fato de a comunidade eleger determinadas escolas, as tais “tradicionais”. Mas mesmo a tal tradição não impede que as vagas dessas escolas cheguem ao fim...

O Elefante Branco, por exemplo, abriu somente 280 vagas para o 2º grau (180 para o 1º ano, 60 para o 2º ano e 40 para o 3º ano). As vagas estão sendo preenchidas pelos felizardos vitoriosos da tele-matriculação. Novas vagas, só

quando contadas as desistências, depois do dia 14, data de encerramento das matrículas. Enquanto isso, os telefones não param de tocar na secretaria do colégio. São pais desesperados para conseguir uma vaguinha que seja para os pimpolhos. Ao que o secretário João Donizete de Oliveira responde: “Vagas, só a partir do dia 18”.

A situação é parecida no Setor Leste. A secretária Anália Leal conta que matrículas, também, só a partir do dia 18. Exceção pa-

ra os alunos remanejados das escolas-classe 413, 405 e 214 e do Centro de Ensino 05, na Asa Sul. “A procura é grande. É gente de tudo quanto é lugar”, conta a secretária, que passa o dia recebendo moradores de outras cidades atrás de vagas.

Mas o momento está mais complicado para outros sete mil alunos — da rede particular ou de outras cidades — que pediram matrícula na rede pública. Eles estão sendo redistribuídos, de acordo com a disponibilidade,

para várias escolas. “Se pedem vaga no Setor Oeste e não temos, oferecemos no Colégio do Lago Sul, ou Lago Norte, ou Centro Educacional do Cruzeiro. Ocorre de não termos vagas no turno pretendido pelo aluno. Aí, cabe a ele aceitar nossa oferta ou não”, diz Dora Manata, que só vai ter “dados concretos” sobre as vagas restantes depois do dia 17. Azar de alguns — o funil pode apertar ainda mais — e sorte de Maria Onete da Silva, que não precisou passar por essa via-crúcis.

12 JAN 2000

CORREIO BRAZILIENSE